



O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NO PRIMEIRO NISHIDA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA PURA

Lucas Emanuel Salviano Murata*

RESUMO: Este artigo examina o problema da consciência em Nishida Kitaro a partir de seu conceito de experiência pura, que inaugura a filosofia moderna no Japão e fundamenta a Escola de Kyoto. No *Ensaio sobre o bem* (1911), Nishida propõe uma ontologia baseada na experiência direta, anterior à divisão entre sujeito e objeto, rejeitando tanto o dualismo ocidental quanto as visões fisicalistas e idealistas. Esse conceito, também chamado de fenômenos de consciência, revela a necessidade de compreender a consciência em Nishida. O estudo conclui que sua concepção de consciência se aproxima da ideia de nada absoluto.

Palavras-chave: Experiência Pura, Nishida Kitaro, Não-dualismo, Consciência, Escola de Kyoto.

THE PROBLEM OF CONSCIOUSNESS IN EARLY NISHIDA: AN ANALYSIS FROM THE CONCEPT OF PURE EXPERIENCE

ABSTRACT: This article examines the problem of consciousness in Nishida Kitaro through his concept of pure experience, which marks the beginning of modern philosophy in Japan and underpins the Kyoto School. In *An Inquiry into the Good* (1911), Nishida proposes an ontology grounded in direct experience, preceding the division between subject and object, rejecting both Western dualism and physicalist and idealist views. This concept, also referred to as phenomena of consciousness, underscores the need to understand consciousness in Nishida's framework. The study concludes that Nishida's understanding of consciousness aligns closely with the notion of absolute nothingness.

Keywords: Pure Experience, Nishida Kitaro, Non-dualism, Consciousness, Kyoto School.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de analisar o problema da consciência na filosofia de Nishida Kitaro⁷⁶ a partir do seu conceito de experiência pura, elaborada na sua primeira

* Mestrado em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

⁷⁶ 西田幾多郎 (Nishida Kitaro) nasceu em 1870 e faleceu em 1945, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Reconhecido como o fundador da Escola de Kyoto, ele deixou um vasto legado intelectual, reunido em 19 volumes de suas obras completas.



fase⁷⁷. Para tanto, iremos percorrer três obras iniciais dessa fase, publicadas no período de 1905 a 1911: *Ensaio sobre o bem*⁷⁸ de 1911 (善の研究, *zen no kenkyū*), *Lições sobre a psicologia*⁷⁹ de 1904 (心理学講義, *shinrigaku kougi*) e *Fragmentos acerca da experiência pura*⁸⁰ (純粹経験に関する断章, *junsui keiken ni kansuru danshou*) que foram escritos no período entre 1904 e 1912.

A experiência pura (純粹経験, *junsui keiken*) é o primeiro conceito filosófico de Nishida e é amplamente reconhecido por ter inaugurado a filosofia moderna no Japão, além de dar origem à Escola de Kyoto. Nishida discute esse conceito em seu *Ensaio sobre o bem*, publicado em 1911, onde estabelece a experiência pura como único fundamento da realidade. Através dessa noção, ele rejeita veementemente tanto a visão fisicalista da realidade quanto a idealista. Assim, em vez de basear sua ontologia em um dos extremos opostos — o puramente objetivo (matéria) ou o puramente subjetivo (mente) —, Nishida constrói o seu alicerce ontológico na não-dualidade, enfatizando aquilo que é anterior à divisão sujeito-objeto: a experiência tal como ela é. A mencionada obra inicia com essa definição de Nishida:

Experimentar significa conhecer a realidade exatamente como ela é. É conhecer de acordo com os fatos, abandonando todos os nossos artifícios. Pura significa — visto que geralmente o que entendemos por experiência já está misturado com algum pensamento — um estado da experiência desprovido de qualquer discernimento, isto é, refere-se verdadeiramente à experiência ela mesma. Por exemplo, é o instante em que vemos uma cor ou ouvimos um som, sem qualquer pensamento; nem pensamento de que isso seja efeito de algo externo; ou de que estamos sentindo algo. É anterior ao juízo sobre o que é essa cor ou esse som. Assim, a experiência pura é idêntica à experiência imediata. Quando se experimenta diretamente o estado da própria consciência, ainda não há sujeito ou objeto; o conhecimento e o seu objeto estão unificados. E isso é o apogeu da

⁷⁷ Alguns acadêmicos, como Geron Kopff, defendem três fases no pensamento de Nishida: “Nishida focused on the internal life of the self during his “idealist phase” (1911–1929), shifted his focus towards the external world during an “interim phase” (1930–1936), and, ultimately, proposed to collapse the external and internal worlds in the dynamic interaction between the self and world, which he called “acting intuition” (*kōi-teki chokkan* 行為の直観), in his “non-dual phase” (1937–1945) (Kopf 2007, 129)”. Outros, como, Sueki (1983-1988) sugerem cinco fases no pensamento de Nishida. Por sua vez, Kosaka (2022, p. 4) sugere quatro fases.

⁷⁸ Primeira obra pública de Nishida e é frequentemente considerada *Magnum opus* do pensador. A obra está publicada no volume 1 das obras completas.

⁷⁹ Publicado no volume 16 das obras completas, são textos que Nishida utilizava nas suas aulas de psicologia

⁸⁰ Estes fragmentos, 34 no total, estão no volume 16 das obras completas de Nishida e são anotações e pequenos textos iniciais de Nishida sobre a experiência pura que foram escritos no período entre 1904 a 1912 (cf. Zavala, 2012, p. 173). Daqui em diante, nos referenciaremos à essa obra como *Fragmentos*.



experiência. (NKZ ⁸¹1, 9, tradução nossa).

Nishida frequentemente utiliza outro termo para se referir ao mesmo conceito: *fenômenos de consciência*. Ao longo desta obra, ele afirma repetidamente que o fundamento último da realidade são esses fenômenos de consciência e que não há outra realidade além deles (cf. NKZ 1, 58). Assim, podemos dizer que, para Nishida, a experiência pura é sinônimo de fenômeno da consciência, partindo da unificação da consciência individual em um estado de unidade entre sujeito e objeto — a base da realidade em sua totalidade. Assim, a experiência pura é o conhecimento imediato da realidade como ela é.

Sobre essa forma de conhecimento, Ueda observa:

“Conhecer a realidade como ela é” significa que a realidade aparece como é, ou seja, os fatos aparecem como são em sua factualidade, e é disso que se trata o “conhecer como é”. O conhecimento não está separado do fato de que os fatos aparecem como são. Significa que os fatos aparecem como são e que, ao mesmo tempo, nós os conhecemos como aparecem. Nesse caso, “realidade como é” e “conhecer como é” são idênticos (Ueda, 1995, p. 89).

Ueda destaca que os fatos (a realidade) são dados como são; e, neste momento, a experiência pura os conhece exatamente como são dados. Seguindo nessa linha, Hayashi (2011, p. 2) destaca que esse conhecimento abrange toda a realidade da consciência em sua totalidade. Hayashi, portanto, reforça a posição de Ueda, afirmando que o ato de conhecer “não é um conhecimento de um objeto baseada na separação dualista de sujeito-objeto entre a ‘consciência que conhece (知る意識 *shiru ishiki*) e ‘o que é conhecido’ (知られるもの, *shirareru mono*)” (2011, p. 4). Em vez disso, afirma que o objeto que é conhecido e o sujeito que conhece são idênticos. Isso significa que conhecer a realidade como ela é equivale à própria realidade, e *a realidade como é* é, em si, o ato de conhecer. Essa perspectiva evidencia a unidade e a não dualidade entre o sujeito e o objeto na experiência pura, ressaltando a profunda identidade entre a consciência e a realidade.

⁸¹ No decorrer do presente trabalho, ao citar textos de Nishida, iremos utilizar esta abreviatura para referenciar Nishida Kitarō Zenshū (Obras completas de Nishida Kitarō). Para a presente pesquisa, foi utilizada a segunda edição das obras completas originais, publicadas pela editora Iwanami Shoten em 1965 e 1966, compostas por 19 volumes. O número que segue NKZ refere-se ao volume, seguido, posteriormente, da página da citação.



É importante destacar novamente que no segundo livro do *Ensaio sobre o bem*, intitulado *Realidade* (實在, *jitsuzai*), que foi escrito anteriormente ao primeiro livro, intitulado *Experiência Pura* (純粹経験, *junsui keiken*), Nishida utiliza o termo fenômeno de consciência (意識現象, *ishiki genshō*) no lugar de *experiência pura*. Ambos, no entanto, referem-se ao mesmo conceito. Kosaka (2022, p. 67) enfatiza este fato e sugere que Nishida passou a mudar a denominação do conceito de *fenômenos de consciência* pela *experiência pura* ao entrar em contato com leituras de James e Mach que faziam uso massivo do termo *experiência*.

Com efeito, entendido desse modo, podemos encontrar uma harmonia entre estas duas frases principais da obra: “experimentar significa conhecer a realidade exatamente como ela é” que abre o primeiro capítulo do *Ensaio sobre o bem* e a afirmação central do segundo livro da obra: “toda realidade é fenômeno da consciência”. Podemos considerar, assim, que em Nishida, fundamento último da realidade é a experiência pura; **isto é: a própria consciência.**

Por esse motivo, Hayashi (2003, p. 66, tradução nossa) observa que “em Nishida, a *experiência* em experiência pura pode ser substituída por *consciência*”⁸². Assim, sempre que encontrarmos a palavra *experiência* no contexto do *Ensaio sobre o bem*, podemos trocá-la por *consciência*. **A questão que surge a partir da leitura da obra então é: o que é consciência para Nishida?**

O ESTABELECIMENTO DO PROBLEMA DE CONSCIÊNCIA EM NISHIDA

Apesar de não ser uma tarefa trivial encontrar uma resposta exata para o problema da consciência em Nishida, o que podemos afirmar de início é que segundo Zavala (2012, p. 156), Nishida utiliza a palavra *consciência* (意識, *ishiki*) para se referir a três tipos de consciência: a individual, a social e a cósmica.

Nesta classificação de consciência, contudo, encontramos várias dificuldades. A primeira é que Nishida, em muitas ocasiões, não deixa explícito à qual consciência ele está

⁸² No original: 西田の「純粹経験」の「経験」は「意識」と読み換えることができる。Hayashi faz a mesma afirmação em outra obra sua: *A experiência pura de Nishida Kitarō* (西田幾多郎の純粹経験) de 2011, na página 3.



se referindo ao empregar a palavra 意識 (*ishiki*) nas suas obras. No *Ensaio sobre o bem*, por exemplo, Nishida oferece, em linhas gerais, duas perspectivas distintas sobre a consciência. Na primeira parte, ele aborda um aspecto individual da consciência, enquanto na segunda parte, seus argumentos sugerem uma dimensão cósmica da consciência. Essas duas definições parecem entrelaçar-se, dificultando estabelecer com exatidão à qual tipo de consciência ele está se referindo. Segunda dificuldade é proveniente da natureza da língua japonesa, na qual o emprego de plurais⁸³ é bem diferente dos idiomas ocidentais. Desse modo, também não temos clareza se Nishida se refere à uma consciência ou às várias consciências. Por fim, Heisig (2012, p. 248) identifica uma das dificuldades mais complicadas do *Ensaio sobre o bem*: “a questão da relação entre a vontade pessoal consciente e o poder da vontade na realidade mais ampla”. Com efeito, Nishida não esclarece exatamente como ocorre a relação entre os três tipos de consciência no decorrer da obra. Esta falta de clareza de Nishida sobre a consciência faz Heisig (2012, p. 249) tecer crítica ao filósofo japonês: “Nishida demonstra sentimentos ambíguos em relação ao antropomorfismo envolvido na atribuição de funções mentais humanas ao universo”.

Diante da complexidade do assunto, portanto, acadêmicos de Nishida como Zavala (2012, p. 285) reafirma a necessidade de explorarmos a questão: “este tema deverá ser objeto de pesquisa posterior: como concebe Nishida a consciência?”. Assim, através da análise de três fontes da fase inicial de Nishida, procuraremos nos aproximar daquilo que Nishida, nesta fase, compreendia por consciência. Por isso, a seguir, discorreremos as principais características da consciência apresentadas por ele nestas obras, a fim de extrair conclusões mais precisas.

PRIMEIRA CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA: A UNIDADE DAS FACULDADES MENTAIS

Na primeira parte do *Ensaio sobre o bem*, ao se referir à consciência (ou à

⁸³ O plural no japonês não modifica o substantivo (por exemplo, acrescentar a letra *s* no final, como no português). Para saber se se trata de plural ou singular, deve-se se atentar ao contexto da conversa ou escrita. Pode-se também acrescentar numerais, por exemplo, na tradução literal, uma maçã e cinco *maçã* (sem modificação).



experiência pura), Nishida descreve características que são relacionadas às faculdades mentais do indivíduo: autoconsciência, memória, percepção, sentimentos, atenção e vontade. Em especial, no decorrer desta obra, Nishida faz uso de um termo para se referir a tais faculdades mentais: 知情意 (*chi-jō-i*).

Nishida recorre ao termo 知情意 (*chi-jō-i*), que abrange as três faculdades fundamentais da mente: conhecimento (知 *chi*), emoção (情 *jō*) e vontade (意 *i*). Esses três elementos representam as bases do funcionamento mental humano, refletindo as diferentes maneiras pelas quais experimentamos e interagimos com a realidade. Para Nishida, essas faculdades não são entidades isoladas, mas partes integradas que, em sua unidade, formam a experiência consciente. Ele considera que é somente através da interconexão entre conhecimento, sentimento e vontade que podemos apreender a realidade em sua totalidade, antes de qualquer distinção analítica. Esse conceito de *chi-jō-i* permite a Nishida abordar a consciência como um todo dinâmico, no qual cada uma dessas faculdades participa da experiência sem as divisões impostas pela análise racional.

Assim, Nishida considera que a experiência pura *precede* a separação de 知情意 (*chi-jō-i*) (cf. NKZ 1, 58): “O estado de consciência da unidade de conhecimento, sentimento e vontade é a verdadeira realidade.” (NKZ 1, 61). Portanto, ele considera a unidade desses fenômenos mentais como uma condição fundamental para o estabelecimento da consciência. Na primeira parte do *Ensaio sobre o bem* Nishida procura analisar cada uma delas separadamente, uma vez que ele as considera *fatós* da experiência pura.

Por exemplo, no caso do sentimento (情 *jō*), Nishida destaca que o ápice da unidade da consciência ocorre nas emoções profundas, especialmente aquelas proporcionadas pela arte e pela religião (cf. NKZ 16, 295). Ele vê nessas experiências emocionais intensas uma expressão de unidade onde o sujeito se dissolve na vivência do objeto, transcendendo a divisão entre eu e mundo. Nishida frequentemente exemplifica essa ideia com a experiência de estar profundamente absorvido ao ouvir música, uma imersão que ele descreve como uma forma de êxtase estético. Nesse estado, o ouvinte não apenas aprecia a música, mas *se torna* a música, fundindo-se com ela em uma experiência indivisível onde o sentido de individualidade se desfaz. Para Nishida, essa imersão total



representa a consciência pura em ação, pois o conhecimento, a emoção e a vontade se alinham de forma inseparável.

No caso do conhecimento (知 *chi*), Nishida entende que, assim como as outras faculdades mentais, ele é um fenômeno da experiência pura. No estado de experiência pura, o conhecimento não se distingue de sua fonte direta, mantendo uma unidade entre sujeito e objeto. Contudo, ao nos entregarmos ao processo de pensamento, essa unidade se quebra, dando origem à objetividade que serve de base para todo o conhecimento estruturado e discursivo (cf. NKZ 16, 317). Esse ato de pensar impõe uma separação entre o observador e o observado, entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido, criando fragmentos que analisamos de maneira distinta.

Todavia, Nishida acredita que a reflexão profunda é capaz de transcender essa fragmentação. Ao refletir, o indivíduo pode reconstituir esses fragmentos em torno de um único fenômeno, uma integração que restaura, em certo sentido, a unidade original da experiência pura (cf. Zavala, 2012, p. 171). Esse movimento reflete a ideia de que a mente humana, mesmo ao romper com a unidade, busca retornar a um estado de totalidade. A reflexão, para Nishida, não é meramente um exercício analítico, mas um esforço de reunir os aspectos dispersos do conhecimento em uma síntese intuitiva que, por sua vez, reflete o estado da experiência pura — onde sujeito e objeto se reconciliam em uma compreensão mais abrangente e profunda da realidade.

No entanto, é na faculdade da vontade (意 *i*) que Nishida encontra o fenômeno fundamental de consciência. Para ele, a vontade é a forma primordial de toda atividade consciente, funcionando como a base a partir da qual todas as outras formas de consciência se desenvolvem. Nishida afirma: “dado que a vontade é a forma primordial de toda consciência, todas as formas de consciência, por mais simples que sejam, devem seguir a mesma forma da vontade para se desenvolverem” (NKZ 1, 63). Nesse sentido, a vontade não é apenas um desejo individual, mas uma expressão dinâmica da consciência e o ponto de partida para a unidade entre sujeito e objeto.

Para Nishida, a vontade é a força que impulsiona a consciência na direção de uma unidade primordial entre sujeito e objeto. Em um ato de vontade, o sujeito se lança na realidade de maneira plena e não fragmentada, vivenciando a experiência sem distinção



entre o que deseja e o objeto de seu desejo. Dessa forma, a vontade não só orienta a consciência, mas também unifica e fundamenta a experiência pura, representando o ponto onde o sujeito se engaja ativamente com o mundo, sem se separar dele. Assim, Nishida apresenta a primeira característica da consciência: a unidade de conhecimento-sentimento-vontade e afirma que este estado da consciência é a verdadeira realidade (cf. NKZ 1, 58).

Além disso, é importante notar a influência do idealismo alemão no pensamento de Nishida. A unidade promovida pela vontade apresenta similaridades com o Eu Puro de Fichte, no qual a atividade de *Ich* (Eu) expressa uma síntese dinâmica entre sujeito e objeto. Essa visão também se conecta às três faculdades kantianas, com a primazia da vontade indicando uma inclinação para a razão prática e, portanto, para a ética, evidenciando a relevância ética da vontade em seu sistema filosófico. Desse modo, a vontade emerge como o núcleo a partir do qual Nishida elabora sua concepção da consciência como unidade ativa e relacional.

SEGUNDA CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA: O FLUXO

Nas *Lições sobre a psicologia* (1904), Nishida elabora um estudo mais aprofundado das faculdades da mente individual, tendo como base a abordagem psicológica. Nesta obra, Nishida define a psicologia como um estudo científico dos fenômenos de consciência (cf. NKZ 16, 91) e pretende investigá-los. Neste empreendimento, Nishida destaca, no capítulo⁸⁴ sobre a natureza fundamental da consciência, o conceito de *fluxo da consciência* como uma das suas características fundamentais:

A nossa consciência, mesmo que num instante seu, nunca pode ser simplificada e analisada; é algo que vem a ser pela síntese de resultados complexos de fenômenos mentais passados. A vida mental da nossa existência, portanto, é a continuidade de tal consciência; isto é, um fluxo de consciência (*stream of consciousness*). Dessa forma, nenhum fenômeno mental existe como um objeto independente, mas é sempre estabelecido em relação a outros fenômenos mentais (NKZ 16, p. 102, tradução nossa).

⁸⁴ Capítulo 2 das *Conferências*, no subcapítulo 4, com o título 意識の根本的性質 (Natureza fundamental da consciência)



Nishida se apropria do conceito de William James, que se valendo de uma metáfora, define a consciência como um rio corrente. Nesse sentido, segundo James, a consciência não é uma entidade permanente; nem uma composição de elementos isolados; mas sim um fluxo contínuo de experiências que se entrelaçam e se sucedem: “A consciência, portanto, não parece estar dividida em pedaços...Ela não é nada articulada; ela flui. Um ‘rio’ ou uma ‘corrente’ são as metáforas pelas quais ela é mais naturalmente descrita.” (James, 1983, p. 233).

Em vista disso, a ideia de fluxo da consciência, conforme pensada por James, respaldou Nishida a repensar a consciência para além de um modelo reflexivo centrado em um sujeito substancial. No primeiro capítulo do *Ensaio sobre o bem*, Nishida faz uma referência neste sentido: “como James explicou em *streams of consciousness*, a consciência não está associada ao lugar onde aparece, mas está implicitamente relacionada a outras.” (NKZ 1, 11, tradução nossa). Essa formulação indica que Nishida utiliza o conceito de James para questionar a noção de um sujeito fixo, tomando a fluidez como característica essencial da consciência. Ao conceber a consciência como fluxo, portanto, Nishida rompe com a ideia de uma autoconsciência reflexiva estável, na qual o sujeito se reconhece enquanto tal em um processo contínuo.

Ao se deixar influenciar pelo James nesse sentido, podemos captar o esforço de Nishida em desconstruir o sujeito como uma entidade fixa, dando ênfase na natureza dinâmica e relacional da consciência. Dessa forma, o uso que Nishida faz do conceito de fluxo de consciência de James não se reduz à adoção de uma perspectiva externa ou à simples aproximação com noções de impermanência oriundas de tradições orientais. Nishida, certamente, estava ciente das diferenças fundamentais entre a concepção jamesiana e outras abordagens, como a do Zen Budismo. Ao invés disso, seu uso aponta para um projeto filosófico mais profundo: desconstruir a ideia de uma consciência centrada em um sujeito fixo e substancial. Essa compreensão redefine a consciência não como algo que se conhece a si mesma de maneira estática, mas como um movimento dinâmico que relaciona e transcende.

TERCEIRA CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA: A NATUREZA CÓSMICA

Fortaleza – Volume 17 – Número 3 –

Jul./Dez. 2024

ISSN: 1984-9575



Na segunda parte⁸⁵ do *Ensaio sobre o bem*, Nishida enfatiza repetidamente a precedência da experiência em relação ao indivíduo, afirmando que “não existe o indivíduo sem experiência; existe a experiência e, com ela, o indivíduo” (NKZ 1, 6, tradução nossa). Essa perspectiva sugere que, para Nishida, a consciência não se limita à individualidade, transcendendo o domínio das experiências pessoais.

Nesse mesmo sentido, em outra passagem da segunda parte, Nishida afirma que “a consciência não está dentro do corpo, mas, pelo contrário, o corpo está dentro da nossa própria consciência.” (NKZ 1, 52, tradução nossa). Contudo, ao fazer essa afirmação, Nishida não está sugerindo a primazia da mente sobre a matéria. Pelo contrário, ele argumenta que tanto os fenômenos mentais quanto os fenômenos materiais são partes de uma única realidade: a consciência (cf. NKZ 1, 53).

O que podemos concluir é que, embora Nishida conceba a realidade como sendo os fenômenos de consciência (cf. NKZ 1, 51), ele situa a própria consciência em um campo transcendente, para além das experiências individuais.

A partir disso, Nishida apresenta o que parecem ser algumas das características da consciência cósmica:

A verdadeira realidade é o estado da consciência na qual não há divisão sujeito-objeto (主客) e a separação de conhecimento-sentimento-vontade (知情意-chi-jō-i). Quando contemplamos a verdadeira realidade, que é completamente independente, ela se revela por si mesma desta forma. (NKZ 1, 63, tradução e ênfase nossa)

O primeiro traço de natureza dessa consciência cósmica, então, é ser *completamente independente* (独立自全), ou seja, ela é autossuficiente e não pressupõe nada além de si mesma para se estabelecer. Isto é, apesar de ser uma consciência, não pressupõe uma mente. Trata-se do estado da consciência sem separação do sujeito e do objeto; assim, ela é uma consciência não-pessoal que aparece (現れる) na nossa consciência. Em diversos trechos ao longo das suas obras iniciais, Nishida chama essa consciência cósmica de *Uno*

⁸⁵ Intitulado *Realidade* (実在)



(一ツの者, *hitotsu no mono*⁸⁶).

Nos *Fragmentos* essa posição fica ainda mais evidente. No fragmento 10, por exemplo, há uma seção com título semelhante ao que vimos das *Lições sobre a psicologia*: natureza da consciência. Diferente da última, contudo, Nishida parece não se referir às características da consciência individual. Ele começa dizendo: “a consciência não é uma percepção passiva; não é um conceito abstrato. Consciência já é algo estruturado. É uma atividade unificadora⁸⁷ [...] A consciência estrutura um mundo a cada momento.” (NKZ 16, 410, tradução nossa). Aqui, Nishida começa a atribuir um certo *poder criador* para a consciência, responsável por criar a realidade na sua completude.

Seguindo essa abordagem, no mesmo fragmento, Nishida faz uma breve consideração acerca da intersubjetividade. Por exemplo, ele diz que quando duas pessoas conversam, as consciências individuais se unificam em uma só consciência (cf. NKZ 16, 411). Nishida, nessa parte, também sugere que a consciência de um não é diferente da consciência do outro, mas ambas começam de uma consciência mais fundamental.

Já no *Fragmento* 19, Nishida deixa mais explícito a sua concepção de consciência enquanto algo universal: “a nossa consciência se manifesta como uma única força [...] Essa força não é individual, mas universal. É a força da unidade cósmica.” (NKZ 16, 479, tradução nossa). Em outras palavras, a consciência tem uma função unificadora no universo, e os diversos fenômenos do mundo são aparecimentos dessa consciência universal.

QUARTA CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA: A NÃO-DUALIDADE

Após a analisar o conceito de experiência pura, com base nas três fontes deste estudo, podemos concluir que Nishida repetidamente o filósofo recorre a este tema: **a**

⁸⁶ A palavra *mono* em japonês pode ser escrita de duas formas, mas com mesma pronúncia: 者 e 物. As duas podem ser traduzidas como coisa ou algo. Porém, a primeira, é utilizada para se referir à pessoa; a segunda é utilizada para se referir à coisa. Nishida utiliza ambas para expressar o Uno nas Investigações. Isto quer dizer que podemos compreender como uma coisa ou uma entidade.

⁸⁷ 一の総合的活動 (*ichi no sougouteki katsudou*): A expressão 総合的 significa síntese, integração, algo que é abrangente que inclui várias partes ou aspectos. Nesse sentido, a consciência seria uma única atividade que é integradora e engloba várias áreas ou aspectos.



unidade da consciência. Essa unidade é uma condição *sine qua non* para o estabelecimento da experiência pura (cf. Zavala, 2014, p. 284); e, portanto, uma condição para a possibilidade da própria realidade.

Podemos identificar, ao longa da análise realizada nas obras iniciais de Nishida, uma recorrente definição da experiência pura como fenômeno de consciência, no qual há: (1) unidade entre sujeito e objeto (主客合一); (2) unidade entre o conhecimento, vontade e sentimento (知情意); e (3) unidade da consciência (意識統一).

Inicialmente, podemos ter duas compreensões distintas sobre a unidade em Nishida. A primeira, a que sobressai, é a unidade *na* consciência. Esta diz respeito ao instante do estado da experiência anterior ao juízo ou categorização. Este primeiro entendimento da unidade parece se aplicar à consciência individual, onde todos os fenômenos ocorrem de uma forma unitária e originária, a partir dos quais surge a multiplicidade.

No entanto, apesar deste entendimento estar implícito no contexto da filosofia de Nishida, ater-se a ela seria limitar a experiência pura no âmbito da individualidade, o que não seria adequado. Assim, no decorrer do *Ensaio sobre o bem*, Nishida procura estabelecer uma segunda compressão da unidade: “Nishida pensava que a experiência pura não se limitava ao indivíduo, mas que havia algo unificado (experiência universal) por trás dela, e que cada experiência pura era um desenvolvimento interno dessa experiência universal” (Kosaka, 2022, p. 59). Com efeito, Nishida acredita que ao atribuir esta característica da unificação à consciência individual seria uma distorção da realidade: “Limitar a unificação da consciência ao âmbito da consciência individual não passa de uma dogmatização imposta à experiência pura. (NKZ 1, 180).

Em vista disso, podemos considerar que, para Nishida, a unificação abrange também o particular com o particular e o particular com o universal. Por mais que a filosofia de Nishida possa ser considerada subjetivista (cf. Kosaka, 2022, p. 59), intuicionista (cf. Kosaka, 2022, p. 17) ou psicologista (cf. NKZ 1, 6), Nishida frequentemente se distancia dessas interpretações ao propor uma forma de unificação que transcende a consciência individual. Nesse sentido, repetidamente encontramos Nishida falando sobre uma força unificadora atuando no plano de fundo (背後, *haigo*) da



consciência individual (cf. NKZ 1, 12; NKZ 1, 16; NKZ 1, 26; NKZ 1, 43). Mais explicitamente, Nishida afirma que: “[...] devemos reconhecer que por trás de toda realidade existe a ação de uma força unificadora” (NKZ 1, 67).

Dito de outro modo, a experiência pura de Nishida parece seguir este fluxo de unificação: (1) a experiência pura é o fenômeno da consciência, tendo como ponto de partida a unificação da consciência individual, que consiste em estado de unificação do sujeito-objeto e da unificação conhecimento-sentimento-vontade, como mencionado anteriormente; e (2) no *background* dessa consciência individual unificada, há algo transcendente que é o fundamento dessa unificação — Nishida identifica por vezes esse algo unificador com a consciência universal relativa ao particular; (3) no entanto, Nishida vai além dessa consciência universal, e parece mencionar uma consciência universal absoluta (絶対的) que é o fundamento último de toda unificação; isto é: o fundamento de toda a realidade. Nishida chama esse algo de força unificadora fundamental (根源的统一力) (cf. Kosaka, 2022, p. 60), grande personalidade (一大人格) (cf. NKZ 1, 182) e, até mesmo, deus⁸⁸ (神, *kami*) (cf. NKZ 1, 178).

Portanto, Nishida tenta localizar essa unificação não na mente do sujeito, mas para além dele. Kosaka (2022) sintetiza essa relação da unificação desse modo:

Atrás de cada experiência pura individual existe uma unidade universal, e por trás de cada uma dessas unidades existe uma força unificadora originária. Assim, tudo se torna uma manifestação dessa força unificadora originária. Portanto, o que é estritamente denominado como o universal é, de fato, a força unificadora originária do universo (Kosaka, 2022, p. 60).

No *Fragmento* 19 (NKZ 16, 481), Nishida parece posicionar-se mais radicalmente à essa visão da força unificadora:

A consciência sempre se manifesta como um todo, é concreta e absoluta. A força que unifica a consciência não é um conceito. O que chamamos de conceito é

⁸⁸ Embora seja possível traduzir 神 (*kami*) como *deus*, essa tradução pode não ser completamente adequada devido às associações do termo com a concepção ocidental de um deus cristão único e onipotente. Nishida esclarece no capítulo sobre Religião de sua obra que, ao usar o termo *deus*, ele não se refere a um ser transcendente, uma divindade pessoal, ou um criador nos moldes tradicionais. Em vez disso, ele conceitua *deus* como o próprio fundamento do universo, um princípio fundamental que difere significativamente das noções teístas convencionais (cf. NKZ 1, 178).



abstrato; e não possui a verdadeira capacidade de unificar a consciência. Nossa consciência aparece como uma força. Essa força não é individual, mas universal; uma força de unificação do universo.

E em uma das últimas páginas do *Ensaio sobre o bem*, Nishida reitera essa visão:

[...] a unificação da consciência não pode se tornar um objeto de conhecimento, pois transcende todas as categorias; não podemos lhe dar nenhuma forma definida, embora todas as coisas sejam estabelecidas por meio dela. Portanto, embora o espírito de deus possa parecer, de um lado, completamente incognoscível, de outro lado, está intimamente conectado com nosso próprio espírito. Nos fundamentos dessa unificação da consciência, podemos diretamente encontrar a imagem de deus. (NKZ 1, 186)

Este princípio (deus) é a força unificadora de todas as coisas e uma força unificadora no interior da consciência. O princípio não é possuído por objetos ou mentes, mas é o princípio que estabelece objetos e mentes. É independente e autoexistente, não variando com o tempo, espaço ou pessoas, e permanece inalterado, seja em uso ou não. (NKZ 1, 74)

Dessa forma, Nishida estabelece este princípio como algo universal e unificador, que transcende a subjetividade ou a objetividade, como afirma Nishida: “Este princípio é criativo, e nós podemos nos integrar completamente a ele e agir conforme ele, mas é algo que não podemos perceber como um objeto da consciência” (NKZ 1, 75). Essa transcendência, contudo, não é uma transcendência externa de algo que existe exclusivamente de forma objetiva. Sempre quando Nishida utiliza o termo transcendente, ele refere-se à transcendência interna (内在的超越) (cf. Inoue, 2005, p. 45). Inoue, (2005, p. 41) afirma inclusive que toda a busca filosófica de Nishida pela realidade, é, na verdade, uma intencionalidade ao transcendental.

Portanto, essa transcendência interna está intimamente ligada ao conceito de experiência pura, isto é, à consciência. Por meio dela, acessamos a força unificadora, um campo indiferenciado onde a dualidade sujeito-objeto não existe; que, em última análise, é a própria experiência pura. Essa unidade, que é a manifestação da consciência como a própria realidade, é sempre interna, nunca externa. Assim, a experiência pura, conforme Nishida a concebe, transcende o individual ao emergir imanentemente na consciência de



cada pessoa.

Com essas considerações, Nishida propõe superar o desafio do solipsismo ao posicionar o indivíduo como uma emergência subsequente à experiência, uma expressão do campo unificador, como destaca Zavala (2014, p. 285). Para ele, a unificação da consciência vai além das meras características psicológicas que ligam os fenômenos de consciência individual; ela engloba também a integração da consciência individual com a consciência social e a universal. Essa unificação é o fundamento da possibilidade da realidade.

Sendo assim, o mundo que consideramos uma realidade objetiva, também possui o seu fundamento nessa unificação. Com efeito, Nishida reitera diversas vezes que o é impossível a existência de uma realidade objetiva sem a subjetividade. Portanto, para Nishida, aquilo que unifica a consciência do sujeito é o mesmo que unifica o mundo objetivo; ambos são estabelecidos pelo mesmo princípio unificador. (cf. NKZ 1, 77).

Por este motivo, a consciência unificadora em Nishida é sempre ativa, independente e criativa (創作的). Assim, Nishida concebe a realidade como um processo incessante de autocriação e autodesenvolvimento, onde esta força unificadora imanente atua como o princípio criativo, possibilitando a evolução e transformação contínua do universo. (cf. NKZ 1, 78).

CONCLUSÃO

Diante dos pontos que analisamos do problema da consciência a partir do conceito de experiência pura, acreditamos que uma das considerações conclusivas que podemos ter se resume nesta frase de Nishida no *Fragmento 31*: “A unidade da consciência transcende o ser e o nada” (NKZ 16, 548).

Com efeito, a experiência pura parece sempre levar ao *nada*. Para compreender este ponto, vamos organizar o nosso raciocínio dessa forma: (1) como vimos, a experiência pura é um conhecimento imediato onde o sujeito e o objeto não estão separados; (2) isto é, temos a consciência do conhecer este fato; (3) mas este estado consciente do conhecer, por sua vez, é também um estado de não-separação entre o sujeito



e o objeto; (4) temos novamente a experiência pura — o conhecer — deste fato, onde o sujeito e o objeto não estão separados; e, desse modo, (5) temos uma recursividade infinita (無限) da *consciência que conhece* (知る意識). (cf. Hayashi, 2010, p. 7).

Onde essa recursividade infinita nos leva, no contexto da experiência pura? Como afirmamos anteriormente, essa consciência unificada sempre nos levará a transcender o ser (有) e o nada (無); isto é, a experiência pura nos leva ao nada absoluto (絶対の無). Da mesma forma que a consciência do nada absoluto também é novamente o nada absoluto. Assim, na unificação da consciência, o ser e o nada, como realidades antagônicas, são superadas.

Afirmando de outro modo, podemos considerar que essa recursividade infinita, onde se conhece o estado consciente do conhecer, que, por sua vez, é um estado de não separação entre sujeito e objeto, é uma forma de autoconsciência ⁸⁹(自覚, *jikaku*). Nesse sentido, no *Fragmento 32*, podemos encontrar a reafirmação de Nishida que a experiência pura; isto é, a consciência, é uma atividade infinita que mapeia o *em si* (自己) *em si* (自己) mesmo. Essa atividade infinita é a transcendência do ser e do nada (cf. Zavala, 2012, p. 157).

A fim de tornar os conceitos de Nishida mais precisos, vamos considerar com mais detalhes, abaixo, sobre os três termos que mencionamos no contexto da filosofia nishidiana: ser, nada e nada absoluto. Quando Nishida procura definir o termo ser (有) no *Fragmento 14*, intitulado *Ser*, a primeira definição que ele menciona é que o ser é: quando o fenômeno da consciência se apresenta (cf. NKZ 16, p. 438). O nada (無), por sua vez, é a ausência desse ser; isto é, ele é relativo ao ser; só é possível conhecer o nada em relação ao ser: “Comumente, o nada é entendido como a distinção entre sujeito e objeto, onde o nada é aquilo que reside no objeto.” (NKZ 16, 443). Assim, numa acepção comum, a

⁸⁹ Alguns acadêmicos como a Ishihara, preferem manter o termo em japonês, ao invés de traduzir. O termo japonês 自覚 (*jikaku*) pode ser traduzido para o português como consciência, autoconsciência ou no inglês como *self-awareness*; mas essas traduções podem não capturar completamente as nuances no contexto da filosofia de Nishida. Em japonês, 自 (*ji*) significa *si mesmo* e 覚 (*kaku*) implica *percepção* ou *realização*; além disso pode ser usado como *despertar*. Com efeito, nas traduções francesas, feita pela Tremblay, podemos encontrar *jikaku* traduzido como *l'éveil à soi*: literalmente despertar para si mesmo. Portanto, 自覚, embora possa ser traduzido como autoconsciência, refere-se à realização ou percepção de si mesmo dentro de um contexto.



concepção do nada é sempre relativa no ser; ou seja, é sempre tida como ausência do ser; como um objeto da cognição do sujeito, onde a sua compreensão é fundamentada na ausência do aparecimento na consciência.

Dito isso, o nada absoluto (絶対の無), por sua vez, se refere a um estado ou realidade fundamental que transcende tanto a existência (ser) quanto a não-existência (não-ser, ou nada), unificando ambas. Nesse sentido, o nada absoluto de Nishida não é um vazio negativo (no sentido de ser a ausência do ser), mas sim uma realidade dinâmica que constitui a base de todas as manifestações e diferenças.

Nesse contexto, o nada absoluto é a fonte da criação contínua e do autodesenvolvimento da realidade, permitindo a manifestação de múltiplas formas e fenômenos enquanto mantém a unidade essencial de todas as coisas. É tanto o fundamento quanto o processo contínuo de atualização e diferenciação da realidade, que ele descreve através da noção de criação (創造) que mencionamos anteriormente sobre a unidade e multiplicidade da consciência.

Dada estas considerações, acreditamos que o conceito de experiência pura, como apresentado na Investigação; isto é, um estado imediato de consciência antes da distinção entre sujeito e objeto, cuja unificação é o seu fundamento, parece se equivaler ao conceito de nada absoluto de Nishida. Para Nishida, explorar o nada absoluto permite compreender a natureza da realidade em seu nível mais fundamental, onde a separação convencional entre o ser e o nada é superada. Fazendo eco ao que acreditamos, Nakamura traz essa consideração:

Como não há separação entre sujeito e objeto, só restaria uma consciência vazia sem objeto, num background sem extensão que se chama presente — que não se pode nem mesmo chamar de consciência, pois é anterior à consciência. Em resumo, poder-se-ia dizer que essa experiência pura é algo extremamente próximo do nada. (Nakamura, 2019, p. 40)

Desse modo, a experiência pura apresenta-se como uma consciência sem um conteúdo definido, posicionada em um *background* temporal designado apenas como presente (現在) que, no que lhe diz respeito, é: “o nada que não flui” (Nakamura, 2019, p. 43). Este estado de consciência em Nishida é tão ausente de propriedades características que podemos questionar a própria possibilidade de denominarmos como consciência



(意識), no sentido da acepção comum: pois, é um estado anterior à consciência, onde o sujeito do conhecimento ainda não se estabeleceu. Isso se dá pelo motivo de a experiência pura, proposta por Nishida, dissolve a ontologia dualista, revelando um estado de consciência que é sem objeto: um vazio que, paradoxalmente, contém o potencial múltipla de toda realidade.

Essa compreensão tem como o destino, no mais profundo nível filosófico, uma realidade que se aproxima do nada. O nada, neste contexto, é absoluto; ou seja, não é uma negação da existência, mas um fundamento indiferenciado, onde toda a existência aparece. Ao considerar a experiência pura como um fenômeno que se aproxima do nada, podemos afirmar que, essencialmente, o conceito de experiência pura é um campo de possibilidades ilimitadas.

Assim, quando Nishida menciona, no primeiro capítulo de *Investigação sobre experimentar*, é uma experiência deste fundamento da realidade (cf. Nakamura, 2019, p. 35). Esse fundamento da realidade, que frequentemente é definido por Nishida como o conceito inefável da experiência pura, pode ser sumarizado dessa forma: “Se realmente precisamos expressar isso em palavras, então talvez nada seria adequado. No entanto, isso também está desvinculado da dicotomia entre ser e não-ser (não é um nada relativo), e, na verdade, não se pode chamar de nada.” (Nakamura, 2019, p. 35).

Portanto, o problema da consciência, nesta jornada filosófica de Nishida, aponta para o fundamento último da realidade, é o nada absoluto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEISIG, James W. **An Inquiry into the Good and Nishida's Missing Basho**. *Comparative and Continental Philosophy*, v. 4, n. 2, p. 237–251, 2012.

JAMES, William. **The principles of psychology**. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1983.

ZAVALA, A. J. **The Fragments Concerning Pure Experience and the Zen No Kenkyû**. v. 9, p. 154–173, 1 jan. 2012.

ZAVALA, Augustín Jacinto. **Unidade de consciência: sine qua non da experiência**



pura. In: NETO, Antônio Florentino; GIACOIA JR., Oswaldo (Eds.). *Budismo e Filosofia em diálogo*. 1. ed. Editora PHI, 2014.

小坂国継 (KOSAKA, Kunitsugu). *西田幾多郎の哲学物の真実に行く道 (Nishida Kitarō no tetsugaku: Mono no shinjitsu ni iku michi, A filosofia de Nishida Kitarō: O caminho para a verdade das coisas)*. 岩波書店 (Iwanami Shoten), 2022.

林信弘 (HAYASHI, Nobuhiro). *西田幾多郎の純粹経験 (Nishida Kitarō no junsui keiken, A experiência pura de Nishida Kitarō)*. *立命館人間科学研究 (ritsumeikan ningen kagaku kenkyū)*, v. 5, n. 3, 2003.

林信弘 (HAYASHI, Nobuhiro). *西田幾多郎の純粹経験 (Nishida Kitarō no junsui keiken, A experiência pura de Nishida Kitarō)*. 1. ed.: 高菅出版 (Takasue Shuppan), 2011.

中村昇 (NAKAMURA, Noboru). *西田幾多郎の哲学＝絶対無の場所とは何か (Nishida Kitarō no tetsugaku: Zettai mu no basho to wa nani ka, A filosofia de Nishida Kitarō: O que é o lugar do nada absoluto?)*. 講談社 (Kōdansha), 2019.

西田幾多郎 (NISHIDA, Kitaro). *善の研究 (Zen no kenkyū, Ensaio sobre o bem)*. In: 西田幾多郎 (Ed.). *西田幾多郎全集第一等 (Obras completas de Nishida Kitaro, volume 1)*. 3. ed. 岩波書店 (Iwanami Shoten), 1978.

西田幾多郎 (NISHIDA, Kitaro). *心理学論義 (Shinrigaku rongi, Lições sobre a psicologia)*. In: 西田幾多郎 (Ed.). *西田幾多郎全集第一六等 (Obras completas de Nishida Kitaro, volume 16)*. 2. Ed. 岩波書店 (Iwanami Shoten), 1980.

上田 閑照 (UEDA, Shizuteru). *経験と自覚 『善の研究』百周年に際して (Keiken to jikaku: 'Zen no kenkyū' hyakushūnen ni saishite, Anuário da Sociedade de Filosofia de Nishida)*. *西田哲学会年報*, v. 9, p. 23–35. 2012.

上田閑照 (UEDA, Shizuteru). *経験と自覚 (Keiken to jikaku, Experiência e autoconsciência)*. 岩波書店 (Iwanami Shoten), 1994.

上田閑照 (UEDA, Shizuteru). *西田幾多郎を読む (Nishida Kitarō o yomu, Lendo Nishida Kitarō)*. 岩波書店 (Iwanami Shoten), 1995.